

Retalhos de comoção: o acontecimento estésico em *Inspiração* de Mário de Andrade

Nayara Christina Herminia Carrijo*
Vera Lúcia Rodella Abriata**

Resumo

Neste trabalho, analisamos o poema *Inspiração*, de Mário de Andrade, integrante de *Paulicéia Desvairada* (1921), considerada a primeira obra essencialmente moderna do escritor. Com base no instrumental teórico da semiótica francesa, nosso objetivo é apreender a construção dos sentidos do poema, que se constitui como um acontecimento estésico. Nessa perspectiva, observamos a relação sensorial entre o sujeito poético e o objeto 'São Paulo', a ruptura de isotopia e as homologações estabelecidas entre categorias da expressão e de conteúdo do texto, a partir do conceito de semissimbolismo. Partimos da premissa de que o poema "Inspiração", lido durante a Semana de Arte Moderna, e em sua singularidade, contribuiu para que o Modernismo, enquanto movimento de ruptura em relação a valores artísticos e literários convencionais e acadêmicos, vigentes à época, de maneira estética e ética, pode ser concebido como um "belo gesto".

Palavras-chave: Percurso gerativo de sentido; Acontecimento estésico; Plano de expressão; Mário de Andrade; Semana de Arte Moderna.

* Doutoranda em Linguística, área de atuação em Semiótica Greimasiana, pela Universidade de Franca - Unifran (curso desenvolvido com bolsa Capes / Prosup). Mestre em Linguística, área de atuação em Retórica, pela Universidade de Franca - Unifran (curso desenvolvido com bolsa Capes / Prosup). Integrante do grupo Actantes - Unifran. Revisora de trabalhos na área de linguística, trabalhos acadêmicos e literários (desde 2013). Graduação em Letras - Tradutor e Intérprete na Universidade de Franca - Unifran. Desenvolveu projeto de Iniciação Científica na área de Linguística Textual e Retórica na mesma instituição, tendo como corpus o livro *Algumas mulheres do mundo*, da autora Fabiane Bento Langona, também conhecida como Chiquinha. E-mail: chrystina_13@hotmail.com

** Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1976), Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001). Foi professora do Centro Universitário Barão de Mauá (Ribeirão Preto) e da UNAERP (Ribeirão Preto). Atualmente é professor titular da Universidade de Franca, onde é docente dos cursos de Letras, Pedagogia, Design e do Programa de Pós-Graduação em Linguística. É membro de grupos de pesquisa cadastrados no CNPq: CPS- PUC-SP (Centro de Pesquisas Sociosemióticas) e Actantes, (UNIFRAN), do qual é líder. Foi coordenadora do Mestrado em Linguística da UNIFRAN de 2012 a 2018. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em teoria semiótica discursiva, atuando principalmente nos seguintes temas: enunciação, formas de vida, acontecimento, interação, subjetividade, literatura brasileira contemporânea. E-mail: vera.abriata@unifran.edu.br

Data de submissão: mar. 2022 – Data de aceite: maio 2022
<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v18i1.13115>

Introdução

*Onde até na força do verão havia
tempestades de ventos e frios de
crudelíssimo inverno.*

Fr. Luis de. Sousa

Inspiração, de Mário de Andrade, compõe o livro *Pauliceia Desvairada* que, publicado em 1922, é a primeira obra essencialmente modernista do autor. O poema foi declamado durante uma das noites da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo e é constituinte do *corpus* de nossa pesquisa que analisa textos apresentados durante a Semana, a saber: o poema *Inspiração* e o *Prefácio Interessantíssimo*, de Mário de Andrade; o catálogo de exposição da Semana, de Di Cavalcanti; a capa do livro *Pauliceia Desvairada* de Anita Malfatti; e, por fim, os textos plásticos: *O Homem Amarelo*, de Anita Malfatti; e *Boêmios*, de Di Cavalcanti.

O modernismo rompeu com o academicismo que imperava nas artes plásticas, na literatura, na música, promovendo mudanças no ideário artístico vigente à época. Sua disseminação se deu por meio da criação de revistas modernistas, como a *Klaxon*¹, e das relações políticas de alguns autores que abraçaram o ideário da modernidade nas artes, como Mário de Andrade, que com paixão e compromisso, enveredou-se pelo campo político, para levar, por meio

de sua pedagogia afetiva, literatura e ensino a todos (BOMENY, 2012).

Pretendemos averiguar o modo como o poema *Inspiração* se constrói a partir de estratégias que o Modernismo estava a conceber e a propagar, e a forma como o enunciador as utiliza para evidenciar os aspectos inovadores estéticos e éticos próprios ao movimento, constituindo-se como um acontecimento estésico (GREIMAS, 2002), uma vez que nele se observa a relação sensorial entre o sujeito poético e o objeto “São Paulo”, a ruptura de isotopia, que se constitui como fratura; e as homologações entre categorias da expressão e de conteúdo no texto.

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos elementos do Percurso gerativo de sentido propostos pela teoria semiótica, o conceito de acontecimento estésico (GREIMAS, 2002), a concepção do “belo gesto” (GREIMAS, 1993) e as práticas semióticas, elaborada por Jacques Fontanille (2006), que articulam as noções de estratégia, *ethos* e formas de vida.

Dentre nossas hipóteses, partimos da premissa de que o poema *Inspiração*, como parte do todo da *Semana de Arte Moderna de 1922*, pode ser visto como um belo gesto, conceito formulado por Greimas, que o concebe como um acontecimento estético com envergadura suficiente para alterar a forma aspectual das condutas, modificando valores, para, logo após, dar origem a uma forma de vida,

nesse caso, a forma de vida do modernista, que reverbera até os tempos atuais, contemplando atualizações artísticas e literárias diversas.

Consideramos que o poema propaga um *ethos* (ou *ethe*) da Semana e, dessa forma, como parte de uma identidade própria ao movimento, pode ser visto no todo e nas partes, de acordo com Discini (2004). Assim, como constituinte de uma pesquisa mais ampla, que enquadra outros textos da Semana, pretendemos observar o modo como o Modernismo, enquanto acontecimento, movimento de ruptura em relação a valores artísticos vigentes à época, de maneira estética e ética rompeu com aspectos do Academicismo no campo das artes no Brasil.

Inspiração: ruptura de isotopia e apreensão estética

Pauliceia Desvairada (1922), livro de poemas entre os quais se encontra *Inspiração*, objeto de nossa análise neste trabalho, é a segunda publicação de Mário de Andrade. Considerada a primeira obra modernista lançada no Brasil, nela o poeta rompe com o ideário estético do parnasianismo, sobretudo, quando propõe o verso-livre, as “palavras em liberdade”, enfim, o desenvolvimento de estruturas formais próximas à linguagem coloquial. Desse modo, conforme João Luiz Lafetá (2000) *Pauliceia Des-*

vairada é concebida como a bandeira do movimento modernista.

Assim, nesse livro, Mário de Andrade manifesta em seus poemas o tema da metrópole, contemplando São Paulo como sua musa inspiradora. Essa relação produz efeitos de presença do sujeito poético no espaço da cidade. O livro, como a própria cidade, representa um conjunto de suas ruas, praças, rios, parques, podendo ser considerado, portanto, um passeio estético e sinestésico pelo espaço em que o sujeito principia o desenvolvimento da modernização urbana, aliada ao processo de industrialização, que traz a velocidade e, paralelamente, prega a modernização dos costumes, acompanhada, de certa forma, da modernidade literária e artística.

Além dos poemas, há também nesse livro, o *Prefácio Interessantíssimo*, uma espécie de ata de fundação do Desvairismo (PAES, 1990), em que o poeta discorre sobre as concepções dessa nova visada, bem como questões que concebe como indispensáveis na teorização do Modernismo. Aqui, o autor não se considera futurista, mas ainda um autor passadista, em vias de conhecer o moderno pelo qual perpassa, assim, coloca-se no local de transição para o moderno.

Sobre a relação do homem com o seu entorno, vendo a cidade como um objeto de desejo e de inspiração, Freitag discorre:

Pauliceia Desvairada é o do poeta do cotidiano - que constrói a sua poesia com os dados da vida de todo o dia (dados que são transfigurados e servem de ponto de partida para as suas mais belas aventuras poéticas). Existe em Pauliceia Desvairada, uma maneira de guerra, que representa a sua função dentro do Modernismo. (FREITAG, 2019, p. 123).

É nessa obra, principalmente no *Prefácio*, que Mário defende aspectos do movimento, como a liberdade de criação dos versos e da temática poética, arte não como cópia do mundo real, mas como recriação em que os sentimentos e sensações do sujeito poético se materializariam por meio de uma linguagem de ruptura com a tradição poética vigente até aquele momento.

O sujeito poético recria em sua obra aspectos sensíveis e sensitivos da sua relação individual e social com a cidade, objeto com o qual está conjunto. E o faz inovando na estrutura poética, na temática que envolve sua escrita, para, assim, representar como é impactado pelas transformações em seu espaço e como o altera utilizando a linguagem.

Nas palavras de Athayde:

Poesia de impressões vividas, literatura de ação, apesar de todos os excessos conscientes aqui se atira, é a expressão magnífica dessa juvenilidade sadia de alma, que o paulista sempre possuiu desde as entradas, em contraste com todos os males de uma civilização de aventura e riqueza. Longe de ser mero futurismo de imitação, como se espalha, é um livro que procura o que há de novo nesta civilização americana que tentamos, o significado literário de cem anos de

independência. Haverá muita coisa transitória nessa poeira a um tempo demolidora e construtora, não poderá agradar facilmente à grande maioria dos leitores cujo gosto ainda refuga com razão a certas ousadias das sínteses poéticas atuais, já superadas como vimos em outras literaturas – muitas vezes a nota com o simples intuito de espantar os burgueses (muito convencional esse ódio ao burguês que já vem da correspondência de Falubert), – terá por vezes condescências excessivas com seu sub-consciente lírico. Será tudo isso exato, sem dúvida, mas representa o livro Pauliceia Desvairada, uma corajosa clarificação de tendências, uma visão poderosa da vida atual e de todos os contrastes da civilização moderna, uma reação necessária contra a asfixiante rotina das formas consagradas e bem gramaticadas, e, sobretudo, uma tentativa de originalidade literária brasileira – ainda presa demais ao urbanismo talvez, para poder uma realidade mais vasta – mas cheia de força, de possibilidades, de inteligência conquistadora. A poesia não é só isto, é certo. Nem há fórmulas de arte; o necessário é que cada artista procure assim mesmo. E o encanto da vida literária é justamente a diversidade das tendências e o jogo das personalidades. o senhor Mário de Andrade é um homem de muito espírito para não compreender tudo isso assim como viu que em seu livro a “blague” se entrelaçava à seriedade. Seja como for, vale por toda uma vanguarda. (ATHAYDE, 1924, 200-203).

A poesia de Mário satura a construção do novo, dando um pontapé para a constituição de uma nova visão-sensação sobre o espaço ocupado pelo sujeito poético, que representa sua subjetividade afetada pateticamente pelo pulsar de um novo mundo em construção a requerer, portanto, uma inovadora forma de expressão poética.

Freitag (2019) complementa ainda que essa obra andradeana se configura como um livro-tese que tem como introdução os poemas *Inspiração* e *O trovador*; no desenvolvimento, encontram-se outros poemas sobre a cidade, seus habitantes e outros sobre um residente singular, o próprio Mário; na conclusão, o poema *As enfibraturas do Ipiranga*, cuja temática é recolhida e relacionada ao “oratório profano”, numa clara alusão ao gênero

musical de temática religiosa ou como era chamado “ópera religiosa”, indicando até mesmo com seria sua execução.

Nas enfibraturas, Mário desconstrói o tema religioso, evidenciando um embate entre “os orientalismos convencionais”, os escritores e admiradores do Parnasianismo, e os modernistas, como “as juvenilidades auriverdes”.

A seguir expomos o poema, objeto de análise deste artigo:

Inspiração

São Paulo! Comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequinal!... traje de losangos... cinza e ouro...
luz e bruma... forno e inverno morno...
Elegância sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfume de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... algoadoal!...

São Paulo! Comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

Inspiração é poema constituído de duas estrofes, no qual se torna perceptível a presença de versos livres, dentre os quais o primeiro verso das duas estrofes é uma espécie de refrão em que o sujeito poético elege São Paulo como objeto de inspiração. Como simulacro do enunciador, o eu do enunciado é projetado por meio da debreagem enunciativa, que cria o efeito de sentido de subjetividade. Ele utiliza uma apóstrofe para invocar a

cidade de São Paulo, seu objeto de valor, seguida de um aposto explicativo sobre o modo como a concebe “comoção da minha vida”, revelando o estado de alma de emoção e apego afetivo ao lugar. Na sequência, no segundo verso “os meus amores são flores feitas de original”, observa-se uma metáfora na qual há a intersecção entre amores e flores. Essa “impertinência semântica”, de acordo com Fiorin (2014), remete, no entanto,

a um motivo figurativo estereotipado, muito comum a estilos como o romantismo e o parnasianismo. Tal metáfora desgastada pelo uso, que aproxima o sentimento amoroso da beleza e da delicadeza da flor, sofre, por outro lado, uma mudança de sentido com o atributo “feitas de original”. Segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (2009), original pode se relacionar àquilo que é “[...] fora dos padrões considerados normais”. Nesse sentido, a metáfora desgastada, do amor identificado à flor, modificada pelo atributo, constitui-se como uma figura que remete ao tema da ruptura semântica instaurada com o modernismo em relação às convenções imagéticas das estéticas anteriores e instaura uma mudança de isotopia, de acordo com Greimas (2002, p. 34), afirmando-se como uma fratura que nos possibilita a apreensão estética; é como se houvesse a fusão do sujeito poético com o objeto cidade, que lhe provoca o estado de comoção.

Portanto, a cidade, objeto de inspiração do sujeito poético, passa a ser traduzida de forma metonímica no terceiro e quarto versos do poema: “Arlequinal!... traje de losangos... cinza e ouro.../luz e bruma... forno e inverno morno...”. Primeiramente, “Arlequinal”, muito presente em vários poemas de *Paulicéia Desvairada*, remete à figura e aos trajes do Arlequim, “[...] feito de retalhos multicoloridos geralmente em formas

de losangos” (HOUAISS, 2009). Como personagem da *commedia dell’arte*, no contexto do poema e da obra marioandradiana, contudo, a figura do traje de losangos do Arlequim metaforiza a multiplicidade da população paulista, pois como explica Schpun (2003, p. 18), “é composta de um conjunto de elementos que, colocados lado a lado, mantêm sua integridade sem fundirem-se uns aos outros”. Nessa perspectiva, as imagens que se sucedem no poema, a partir desses versos, remetem metonímica às cores da cidade: o cinza da capital que era à época cinzenta, quando tomada pela neblina, e dourada quando plena de sol, o que se reitera nas figuras justapostas na sequência do quarto verso que, de forma anafórica, retomam as anteriores. Desse modo, luz alude a ouro, ao passo que bruma remete a cinza. Por outro lado, forno e inverno morno, na sequência do verso, são figuras metonímicas que aludem ao clima de São Paulo, na qual prevalece o verão e onde o inverno é morno, típico de uma cidade situada em zona tropical.

Nesses versos justapostos, observa-se ainda a presença da sinestesia em que se imbricam sensações visuais e táteis as quais, como diz Greimas (2002), manifestam a relação sensorial do sujeito com o objeto cidade, característica da apreensão estética que o poema nos revela.

Nos versos seguintes, a menção ao ambiente físico, que se manifesta no verso anterior, dá lugar ao ambiente

social de São Paulo: “Elegância sutis sem escândalos, sem ciúmes.../Perfume de Paris... Arys!/ Bofetadas líricas no Trianon... algodoal!...”. Nota-se nesses versos, que fecham a primeira estrofe, a oposição entre elementos da cultura – valorizada pela elite burguesa paulistana, a cultura francesa, especificamente na referência à elegância dessa elite e ao uso do perfume de Paris, – e elementos da natureza, na menção ao algodoal. Essa oposição semântica alude ainda à antítese entre o campo, lugar da origem da riqueza paulista e a cidade dos elegantes que a desfrutam. Observa-se ainda a sugestão irônica ao parque Trianon, espaço cuja denominação é originária do palacete Grand Trianon de Versailles, refletindo a valorização da elite burguesa paulistana ao espaço refinado de Paris, embora, em termos de cultura artística, essa mesma elite, apegada ao conservadorismo e ao academicismo nas artes, desvalorizava naquele momento a modernidade lírica das vanguardas europeias, especialmente da França.

A segunda estrofe, como mencionamos anteriormente, inicia-se com o refrão, que repete o primeiro verso do poema, e se fecha com a alusão às contradições paulistanas: “São Paulo! Comoção de minha vida.../Galicismo a berrar nos desertos da América!”.

Para o sujeito poético, simulacro do enunciador, a sua musa inspiradora era “um galicismo a berrar nos desertos da

América”. Conforme o dicionário, *galicismo* significa: “Palavra ou expressão da língua francesa adotada por outro idioma”², como se a cidade vociferasse em galicismos – sofrendo influências externas –, sua modernidade abasileirada. Além de ser uma clara personificação da cidade, a antropomorfização do objeto cidade como sujeito que grita, que berra, no deserto cultural americano, no lugar inóspito onde ainda não havia vida cultural brasileira.

O sujeito poético, dessa forma, se mostra um sujeito apaixonado, comovido, quando reitera o verso refrão do poema, entoando: “São Paulo! Comoção da minha vida”. Esse sujeito discorre de maneira arlequinal, que seus amores são feitos de original, em todos as suas facetas, numa clara bofetada lírica ao movimento parnasiano que se baseava na cultura clássica da escola Acadêmica.

Dessa maneira, o objeto cidade é altamente prenhe, pois “exala a energia do mundo” (GREIMAS, 2002, p. 51) para o sujeito poético, nas suas contradições. Assim, esse sujeito, como simulacro do enunciador Mário de Andrade, se depara com a cidade em retalhos de comoção a envolvê-lo e é como diz Greimas, (2002, p. 52), “[...] num plano físico, no nível da sensação”, que “se faz a junção do objeto com o sujeito, ou, antes, a invasão do sujeito pelo objeto[..]”, a cidade de São Paulo.

As relações entre o plano do significado do poema e o plano de expressão é

fundamental para a apreensão de seus sentidos. Nesse sentido, é importante mencionar o uso das reticências pelo enunciador que, conforme o dicionário Houaiss (2009), marcam “uma pausa no enunciado, podendo indicar omissão de alguma coisa que não se quer revelar, emoção demasiada, insinuação etc.”

Em *Inspiração*, à descrição dinâmica da cidade de São Paulo, simulando o que o sujeito poético vê, no momento do visto, se antepõem as reticências que conferem também paradas para o olhar, insinuando as estancadas do sujeito para absorver as nuances da cidade. Essa movimentação do olhar do sujeito sobre o objeto cidade se intensifica pela quase ausência de verbos, numa sucessão de frases nominais, o que indica a rapidez pelo qual o objeto é apreendido pelo sujeito no espaço e no tempo.

Dessa forma, a ausência de verbos para a descrição do objeto cidade sugere recortes e colagem, muito utilizadas na estética futurista, o que confere a impressão da velocidade da cidade moderna no ato enunciativo. Portanto,

[...] criam-se [...] composições em que se tornam figurativizados o dinamismo, a velocidade, os sons, os odores, os rumores, na tentativa de se assemelharem a fotogramas tirados em alta velocidade, sequenciados e estampados (TOMASI; SCHWARTZMANN, 2018, p. 90).

As reticências ainda exprimem a emoção do sujeito, pois, expressam o pensamento interrompido, o que por

sua vez pode indicar o acontecimento que arrebatava o sujeito, deixando-o sem palavras.

Belo gesto e acontecimento em *Inspiração*

O sujeito poético, como simulacro do enunciador, no papel temático de poeta, revela as contradições da cidade que o comove, pelo seu dinamismo, mas que ainda se apegava a valores artísticos, associados ao academicismo, conduzindo a leitura para o belo gesto de Greimas que se configura como:

Uma sequência de comportamentos particularmente enigmática para o semioticista: ao mesmo tempo conclusiva e inaugural, símbolo de uma moral, mas também de uma preocupação estética; breve, mas plena no sentido, e quando mais breve mais significativa. Pelo belo gesto, o sujeito marginaliza-se por um instante, enquanto, ao mesmo tempo, se instala um público atento, para afirmar, imediatamente depois, a primazia de uma visão pessoal das coisas. Fragmento ou ruptura, o belo gesto não deixa de ser criador de um novo mundo, pessoal e assumido.

Dessa forma, o poema surge como um “operador de transformações éticas”, em que o sujeito poético assume novos valores expressivos diante da realidade artística da época. Da estética inovadora que o poema e o livro *Pauliceia Desvairada* promovem, há a união com uma nova ética, um novo fazer poético. E assim, como ponto de partida sugerido

por Greimas (2014, p. 14), o belo gesto se configura como uma “reflexão sobre os laços que unem a dimensão estética e a dimensão ética”.

Portanto, como moral pessoal em face de uma moral coletiva, o belo gesto do enunciador se manifesta por meio da estrutura da forma de expressão do poema que, aliada à sua temática, propõe uma nova forma de conceber o fazer poético.

Para Fontanille (2015, p. 69-73) o belo gesto faz parte das formas de vida, que se compõem como “organizações semióticas (‘linguagens’) características de identidades sociais e culturais, individuais e coletivas” e que por isso são consideradas “constituintes imediatos das semiosferas”. (FONTANILLE, 2015, p. 26).

Assim, o poema evidencia o belo gesto como uma fratura, uma ruptura, e consequentemente, uma inovação em relação à forma de conceber a arte poética,

Aqui nos interessa também averiguar o estilo do sujeito poético, para verificar como o *ethos* expressa-se por meio de sua relação com seu objeto de valor, a cidade. Assim, o poema evidencia um estilo próprio do autor modernista. Para Discini (2004, p. 7), “o estilo é o homem, se, para homem, for pensando um modo de presença no mundo: *um ethos*”.

Na concepção aristotélica, persuade-se “pelo caráter quando o discurso é organizado de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé”. (ARISTÓTELES, 2015, p. 63)

Conforme Discini, por outro lado, é preciso reconstruir “quem diz pelo modo de dizer”. Nessa perspectiva, em *Inspiração*, observam-se valores modernistas de liberdade criativa, temática que se relaciona ao espaço físico e social no qual o sujeito poético está inserido e, por meio das suas percepções e sensações, percebe-se o valor eufórico atribuído ao objeto.

É também por meio do *ethos* e do comportamento que se chega às formas de vida, no esquema de Práticas Semióticas proposto por Fontanille, e assim, é possível observar como o poema *Inspiração* como *losango* da Semana, ou seja, parte do todo, tem uma maneira de dizer própria ao movimento modernista, essencial para criar uma prática semiótica única, em forma de evento artístico. Observou-se também que essa prática semiótica ali exposta deu vazão a uma (ou mais formas de vida³), expressa (s) por novos movimentos advindos do Modernismo, ramificações que se propuseram a recriar e inovar cada uma a sua maneira, como o movimento Pau-Brasil, para citar um exemplo, evidenciando criações inovadoras que ressoam na criação poética da contemporaneidade.

Conclusão

A interação entre o sujeito poético, simulacro do enunciador, Mário de Andrade, e seu objeto de valor, sua musa inspiradora, a cidade de São Paulo, se

mostra por meio de uma relação sensorial, pela qual o sujeito apreende a cidade ao seu redor, pelo olfato quando rememora os perfumes de Paris, pelo tato ao discorrer sobre o forno e inverno morno, ou ao recordar-se do cinza e ouro, luz e bruma. Assim, o sujeito faz da cidade no poema o seu espaço estésico por excelência, sendo invadido pelo objeto. Nesse sentido, o poema propõe uma fratura, em relação ao hábito da arte convencional dos movimentos artísticos anteriores, constituindo-se, por conseguinte, como um acontecimento estésico.

As metáforas inovadoras evidenciam a modernidade poética como um “bofetada no gosto público” e corroboram a hipótese de ruptura que o modernismo promoveu, em relação ao convencionalismo conservador dos estilos de época anteriores, o parnasianismo e o simbolismo.

O plano da expressão reforça o eco que Mário faz brandar sobre a cidade, evidenciando sua comoção, e as inovações estruturais e temáticas advindas do poema *Inspiração*, do livro *Pauliceia Desvairada* e, consequentemente, da *Semana de Arte Moderna de 1922*, revelam seu estilo e *ethos* demonstrados tanto no todo do evento artístico quanto no texto que o compõe.

Assim, o poema como obra única, mas também em sua *arlequinidade*, movendo-se adjacente à Semana, instaura um *ethos* próprio do movimento modernista.

O acontecimento que assalta o enunciador, simulacro de Mário de Andrade, como belo gesto que nega valores da *doxa* da época e altera a aspectualidade de suas condutas, faz surgir novos valores artísticos-culturais, dando início à forma de vida do modernista, que conduz a novos olhares para a literatura, prosa, poesia, artes plásticas, ou seja, alteram elementos da cultura em geral, e repercutem na arte contemporânea.

Assim, a *Semana de Arte Moderna* de 1922 ressoa em atividades artísticas contemporâneas, seja por ter inovado nas estruturas e concepções estéticas da época, seja por ter rompido com o Academicismo que predominava no país. A escola artística acadêmica tem sua importância histórica, artística e cultural, mas naquele momento havia se tornado ultrapassada, não correspondendo às ideias e efervescências ou à ânsia por inovação que assolava os artistas modernistas.

Portanto, observou-se que o poema *Inspiração*, declamado na *Semana de Arte Moderna* de 1922, possui marcas de estilo que compõem o *ethos* da Semana, ligado à junção das várias vozes que participaram do evento, mas que em sua totalidade enunciaram um só discurso de inovação, de ruptura em relação aos padrões estereotipados dos estilos de época anteriores, não pautando-se no conservadorismo, mas sim, na liberdade de se expressar, nas novidades artísticas.

Scraps of commotion: the aesthetic event in *Inspiração* by Mario de Andrade

Abstract

In this work, we analyze the poem *Inspiração*, by Mário de Andrade, part of *Pauliceia Desvairada* (1921), considered the first essentially modern work of the writer. Based on the theoretical instruments of French Semiotics, our objective is to apprehend the construction of the meanings of the poem, which constitutes an aesthetic event. From this perspective, we observe the sensorial relationship between the poetic subject and the object 'São Paulo', the rupture of isotopy and the established homologations between categories of expression and content of the text, based on the concept of semi-symbolism.. We start from the premise that the poem *Inspiração*, read during the Week of Modern Art, and in its uniqueness, contributed to Modernism, as a movement of rupture in relation to conventional and academic artistic and literary values, in force at the time, of esthetically and ethically, it can be conceived as a "beautiful gesture".

Keywords: Generative path of meaning; Aesthetic event; Expression plan; Mário de Andrade; Modern Art Week.

Notas

- ¹ A Klaxon (1922-1923) foi a primeira revista modernista lançada em São Paulo no mesmo ano de realização da *Semana de Arte Moderna*. Participam do comitê de redação os autores Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida. Ela pode ser considerada a revista modernista mais audaciosa, criativa e inovadora, por conta das modernas ilustrações, contribuição de

Brecheret e Cavalcanti, e por sua célebre diagramação. Nela havia poemas e artigos de autores franceses, italianos e espanhóis, em suas línguas originais, bem como poemas de Manuel Bandeira e Serge Milliet em francês. Klaxon carrega toda a irreverência dos modernistas, essencialmente inovadora, apresentando estética e ideologia nos moldes vanguardistas em pleno movimento. (MARQUES, 2013).

- ² Galicismo. In.: BECHARA, Evanildo. **Dicionário de Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ³ Dentre nossas hipóteses, a de que a Semana culminou em um *ethos* ou *ethe* do Modernismo, que ressoa em produções artística contemporâneas.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015

ATHAYDE, Tristão. Política e Letras. In: VVAA. **À margem da história da República (ideais, crenças e afirmações)**. Rio de Janeiro: Anunário do Brasil, 1924.

BATISTA, Marte Rossetti. **Anita Malfatti no tempo e no espaço: biografia e estudo da obra**. São Paulo; Ed. 34; Edusp, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário de Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. Bauru, SP: Edusc, 2003.

BOMENY, Helena. **Um poeta na política: Mário de Andrade, paixão e compromisso**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

CATALÃO, Marco. **Catálogo poético da Semana de 22**. Ilustrado por Mauricio Negro. Itabuna, BA: Mondrongo, 2020.

DISCINI, Norma. **Os estilo nos textos: histórias em quadrinhos, mídia, literatura**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Contexto, 2016.
- FONTANILLE, Jacques. **Práticas semióticas: Imanência e pertinência, eficiência e otimização**.
- FONTANILLE, Jacques. **Formes de vie**. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2015.
- FREITAG, Felipe. Mário de Andrade: um painel da lírica moderna através do “olhar arlequinal” de pauliceia desvairada. **Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 5, n. 1, p. 119-132, 3 set. 2019. Disponível em:
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica figurativa e semiótica plástica**. 1984. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, (4), 18-46. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1984.90477>>. Acesso em: 21 fev. 2021.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Maupassant. A semiótica do texto: exercícios práticos**. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 1993.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. O belo gesto. 1993. IN.: NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos; ABRIATA, Vera Lúcia Rodella. (Org.). **Formas de vida: rotina e acontecimento**. 1. ed. Ribeirão Preto: Coruja, 2014.
- HOUAISS. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Eletrônico. Objetiva, 2009.
- LAFETÁ, João Luiz. **A crítica e o modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista**. Estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- PAES, José Paulo. “Cinco livros do modernismo brasileiro”. In: **A Aventura Literária - Ensaios sobre ficção e ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SCHPUN, Monica Raisa. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). In: **Revista Brasileira de História**, vol. 23, nº 46. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000200002>. Acesso em: 20 out. 2021.
- TOMASI, Carolina; SCHWARTZMANN, Saulo N. Complementaridade congênita do plano da expressão pictórico: o dinamismo dinâmico no Futurismo italiano. In. LOPES, Ivã Carlos; SOUZA, Paula Martins de (Org.). **Estudos semióticos do plano da expressão** [recurso eletrônico]. São Paulo: FFLCH/USP, 2018.
- ZILBERBERG, Claude. **Elementos da semiótica tensiva**. Trad. Iva Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beivindas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.